

A. SANTOS GRAÇA

A Crença do Pòveiro nas
"Almas Penadas,,

SEPARATA

DA

"HOMENAGEM A MARTINS SARMENTO,,

PÓVCA DE VARZIM — PORTUGAL

1984

A. SANTOS GRAÇA

A Crença do Pòveiro nas
"Almas Penadas,,

SEPARATA

DA

"HOMENAGEM A MARTINS SARMENTO,,

PÓVOA DE VARZIM = PORTUGAL

1934

A Crença do Pòveiro nas “Almas Penadas,,

Nos povos da beira-mar, a superstição da aparição dos « *espíritos* » revela, com as suas angústias e temores, um fundo moral impressionante. Superstição arreigada em todos os povos, principalmente nos da Ibéria, não sei se a do Pòveiro se irmana com a mesma concepção doutros povos. Desta dúvida me veio o desejo de arquivar os seus aspectos locais.

Admite o Pòveiro três espécies de *almas* : as dos *justos*, que, mal se *despegam* do corpo, vão gozar a Bem-aventurança ; as *boas*, mas que certas faltas em vida obrigam a penar até à remissão ; e as *más*, que não têm lugar nem no céu nem no inferno, andando errantes entre « *ares e nuvens* » para o todo o sempre.

São as duas últimas espécies — as « *Almas penadas* ».

As *boas*, antes da instituição das devoções e confrarias das *almas* e dos *sufrágios* que se fazem para o alívio e resgate das *almas do purgatório*, levantavam-se das campas ao « *toque das Almas* » ⁽¹⁾ e, reunidas em procissão, campainha à frente, tôdas vestidas de branco, vinham pelas ruas e lugares dos povoados em penitência e suplicando aos vivos rezas e *sufrágios* para as aliviarem das penas em que estavam. Ninguém, dessa hora em diante, saía à rua. E conta-se :

— « A uma velhinha, a tia Margarida Moleira, ouvi eu contar que, sendo forçada pela *noite morta* a passar pela velha Igreja da Misericórdia ⁽²⁾ e reparando que a porta estava aberta, entrou, recuando em seguida, estarrecida, ao ver que os mortos se tinham levantado das campas e estavam a ouvir uma missa ! Também a

(1) Nove badaladas do sino às 21 horas. Ainda hoje se mantém esta tradição.

(2) Matriz da Póvoa-de-Varzim até 1757. Era no seu adro que se faziam os enterramentos.

tia Janela afirmou que, num serão, carecera de acender uma candeia ■ que, dando pela falta de *lumes*, viera à porta ver se passava alguém para lhos pedir. Abrindo o postigo, viu que vinham ao longe muitas luzes e, quando estas se abeiraram, pediu um *lume*, que lhe foi entregue pelo postigo. Acesa a candeia, quando ia entregar a vela que tinha recebido, já o grupo se tinha distanciado, reparando ela, então, que em lugar de uma vela lhe tinham entregado uma *tibia*! Fôra no dia seguinte confessar-se, sendo-lhe dado o conselho de à mesma hora esperar novamente o grupo e entregar à que fôsse sem luz o que lhe tinha sido dado. « *Eram almas boas que andavam a pedir orações* ».

— « O tio Manuel da Salvada andava na praia de Abremar ao argaço, quando viu uns vultos, todos de branco, encaminham-se para ali. Escondeu-se por trás do penedo (1) de Santo André; mas, dentro em pouco, viu que o cortejo rodeava o penedo em romagem, rezando, dando a volta três vezes e retirando em seguida. Não lhe fizeram mal nenhum, mas apanhou um grande susto ».

— « E eu e meu pai íamos para a praia de Abremar à uma hora da madrugada, com destino à apanha do sargaço. Levávamos às costas as *gravêtas*. Ao chegarmos ao caminho que vai ao areal, reparamos que por êle vinham, do lado mar, muitas luzes. Aterrados, saltamos ao campo e encobrimo-nos com as giestas da vedação. O cortejo passou sem nos fazer mal nenhum. A' cautela, seguramos com a mão direita as *gravêtas*, porque é velha crença que estas fazem arredar todos os malefícios por terem a forma de cruz ».

E' crença absoluta que o culto profundo pelas *almas do purgatório* com o *Mês das almas* (Novembro), as *novenas*, os *terços* familiares e os *padre-nossos* às reteições, tudo rezado por intenção das almas penadas, fizeram com que fôssem rareando estes cortejos macabros até desaparecerem completamente.

Foram-se, assim, as súplicas das almas em conjunto, mas surgiram as solicitações isoladas, através dos *corpos-abertos* onde o *espírito* vem *falar* para contar as suas faltas e suplicar, aos seus parentes, que as remedeie para alcançar o « *eterno descanso* »:

— « O Manuel Luis (2) *falava* para a filha da tia Ruça, que tinha morrido há meses. Estando à hora do meio-dia ■ conversar ao portão da casa onde morava a rapariga, caiu redondo. Acudiram-lhe, e, passada meia hora, caiu outra vez sem sentidos.

(1) Santo André é para a gente da beira-mar o *pescador das almas*. Existe a crença de que o Santo deixou vincada uma pégada naquele penedo.

(2) Já descrito no « *Pôveiro* » pág. 87.

Então, desconfiando-se que fôsse espírito, uma mulher animosa puxou por elle : « *Quem és ? O que queres ? Fala !* » E o espírito falou : « *Sou a Ruça. Diz a meu homem que devo uma romaria à Senhora do Alivio e que não sossego sem que elle a cumpra* ». Os presentes foram ter com o homem, que era o tio Sencadas, mas elle não acreditou. Levaram-lhe, em vista disso, lá o rapaz, e o espírito falou de novo : « *Sou eu. Vai fazer a romaria e eu lá te apparecerei tal qual fui d'êste mundo* » Foi toda a família e o rapaz fazer a romaria à Senhora do Alivio, e, quando estavam no Mosteiro, o rapaz gritou, deitando-se ao chão : « *Ela aí vem* ». E, então, o homem reconheceu-a, vestida com o hábito da Senhora do Carmo, tal qual tinha ido a enterrar, dizendo-lhe ella : « *Quando saíres daqui, verás uma pomba branca; despede-te, então, de mim para sempre* ». E, de facto, viram a pomba branca a voar, a voar, até desaparecer.»

— « No dia de Páscoa, a tia Margarida caiu sem sentidos ao meio-dia. Acudiram-lhe as filhas e começaram a perguntar-lhe : « *Que tens ? Que tens ?* » E, então, ouviram uma voz, parecida com a do pai, que tinha morrido há meses : « *Não posso sossegar. O vosso irmão roga-me pragas por julgar que eu o prejudiquei na divisão dos barcos. Quero-me perdoar com elle* ». As filhas foram a correr buscar o irmão, que disse ao espírito : « *E' verdade eu rogar pragas ; mas não quero que o meu pai sofra. Perdoe-me, como eu lhe perdoo* » ; e o espírito respondeu : « *Vou sossegado ; ficai em paz !* » E a tia Margarida veio a si, completamente boa, não sabendo do que se tinha passado, nunca mais lhe succedendo nada. »

E' profunda a crença nestas *falas*, vendo-se constantemente famílias inteiras em romagens distantes a cumprir promessas que as almas dos seus mortos lhes pediram para cumprir através dos *corpos-abertos*.

Quando o *corpo-aberto* cai inerte ao receber o espírito, as interrogações são feitas por pessoas animosas e com todo o cuidado pois pode bem ser que o Diabo « *como já tem succedido* », finja de alma e fale como sendo ella para a « *desacreditar e perder* ». Quando ha desconfiança da maldade do Diabo, levam o *corpo aberto* ao Amparo (capelinha perto da Apulia, concelho de Esposende) e ali, com exorcismos, afugentam-no.

Com estas almas boas, embora com certos temores e sustos, tudo se arranja, porque, cumpridos os seus desejos, nunca mais voltam a incomodar os vivos—pois vão para o « *eterno descanso* ».

O pior são as almas *más*, que andam entre « *ares e nuvens* » e que de noite, feitas *fantasmas*, apparecem nas casas que habitaram em vida. Essas, sim, é que apavoram ! Surgem, algumas vezes, corporizadas, vestidas tal qual andaram neste mundo ; outras vezes, entram invisíveis, mas sentem-se-lhes os passos, o seu abrir e fechar de portas ; batem palmadas nas costas dos novos inqui-

linos da sua antiga casa ; puxam-lhes pela roupa da cama ; apagam, soprando, as luzes ; — um horror !

Ninguém quer ver nem visitar estas casas malditas !

Mas, porque tamanha condenação ? — Porque em vida essas almas foram prejudiciais à comunidade : não foram escorreitas nas suas acções, praticaram actos que não podem ser perdoados por Deus : desonestaram, apoderaram-se de bens que não eram seus, assassinaram, juraram falso : não podem ter descanso.

« *Esqueceram-se de que teriam de dar contas a Deus* » !

— « Os bons não aparecem ; são só os maus. Olhe aquele que aparece na casa da Praça : p'ra o fim já dava esmolas, mas nada lhe valeu. No Brasil tratava mal os escravos, desonestava as pobres pretas e mandava matar os filhos. Não tem mais perdão. O de Abremar queria açambarcar tôda a terra, mudando de noite os marcos e roubando a terra aos pobres, que tinham medo das suas demandas. Lá anda a errar pelos campos, sem descanso. Apareceu uma noite ao Ruço côveiro e pediu-lhe que mudasse os marcos, e o pobre homem fugiu espavorido. A casa caiu em ruínas, porque ninguém a quis habitar, nem sequer chegar à beira. Com o do Sul, ali ao pé da Lapa, dá-se o mesmo. Já morreu de susto a pobre mulher que caiu em habitar-lhe a casa, tantas foram as vezes que elle lhe apareceu. E todos estes maus, feitos fantasmas, foram assim. »

E como estes casos, contam dezenas dêles, citando nomes.

Tendo nessa crença o espectro formidável para todos os egoísmos e maldades, o povo que a concebeu e mantém, dando-nos com ela uma formosíssima lição moral, não pode deixar de possuir os melhores sentimentos.

